

AS MUITAS VIAGENS DOS TEXTOS: A CIRCULAÇÃO DOS ESTUDOS BACTERIOLÓGICOS NA BAHIA EM FINS DO SÉCULO XIX¹

Joelma Tito da Silva*

A cura da tuberculose era um objetivo perseguido cotidianamente no laboratório do doutor Koch, ao passo que, na Inglaterra, o uso do fenol em cirurgias aparecia como método para combater infecções hospitalares apresentado por Lister e seus discípulos. Entre a classificação do verdadeiro e do falso, o mundo dos microorganismos era aos poucos devassado, enquanto a imprensa médica e os jornais de circulação geral faziam o público tomar conhecimento dos novos experimentos médico-científicos. Nas folhas impressas as notícias circulavam de forma a atualizar freneticamente o leitor atento aos novos resultados das pesquisas realizadas nos mais famosos laboratórios do ocidente e cujas conclusões parciais eram apresentadas em comunicações feitas às sociedades científicas e aos congressos especializados.

É precisamente sobre esse movimento dos textos científicos que trataremos neste pequeno ensaio, cujo objetivo é analisar a recepção dos estudos bacteriológicos na década de 1890 entre os médicos baianos, particularmente ligados à Faculdade de Medicina e Farmácia do Estado. Para a realização desta análise utilizamos como fonte principal os textos, ofícios e notas publicadas na *Gazeta Médica da Bahia*, editada no âmbito da Sociedade Médica da Bahia (SMB) e fundada em 1866 pela iniciativa de facultativos como Virgílio Damásio, Silva Lima e Pacífico Pereira. A *Gazeta Médica da Bahia* (GMB) era descrita na Memória do Estado referente ao ano de 1892 enquanto uma “antiga e conceituada publicação científica”, de periodicidade mensal, editada por fascículos, contendo entre 60 e 64 páginas com uma tiragem de 500 exemplares por número, semelhante ao montante verificado na publicação da *Revista do Ensino Primário*. Isso demonstra o alcance restrito dessas revistas apresentadas enquanto “científicas e literárias”, deliberadamente direcionadas para um leitor interessado em assuntos acadêmicos (VIANNA; FERREIRA, 1893, p.278). Se no primeiro caso a promoção da ciência médica justificava a publicação do periódico para um público especializado, composto não somente por médicos (práticos e professores), como também por acadêmicos de medicina matriculados na faculdade que se instalara na Bahia desde a primeira metade do século XIX. O segundo periódico pretendia promover as discussões pedagógicas que deveriam ser divulgadas no meio do professorado.

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará e bolsista da CAPES. E-mail: joelmatito@yahoo.com.br

Caracterizando-se, portanto, enquanto uma revista especializada, voltada para a divulgação dos estudos realizados na área médica, a *GMB* traduzia e publicava, com frequência, textos de pesquisadores franceses, ingleses e alemães. Ao lado dos trabalhos produzidos por europeus, apareciam artigos e notas sobre pesquisas realizadas no Brasil por médicos ligados às faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Para o médico maranhense Nina Rodrigues, o esforço de articulação – realizado por uma gazeta produzida no Norte – entre a produção do conhecimento em âmbito nacional e a divulgação de textos dos mais reconhecidos pesquisadores do mundo, correspondia ao então fracassado projeto de unir a dispersa classe médica brasileira e, ao mesmo tempo de inserir a Bahia, nos circuitos do conhecimento médico em âmbito nacional e internacional. Dilacerado, Nina Rodrigues reconhece as dificuldades enfrentadas por tal projeto – assumido por algumas iniciativas individuais e com pouca repercussão entre a maioria dos médicos. Seja como for, aos tropeços, a Sociedade Médica da Bahia tratava de imprimir à *GMB* o acalento de algum sonho de modernidade e progresso, enfim, de civilização.

Aliás, a ideia de que alguns representantes da classe tentavam fazer a diferença e lutar contra os ventos fortes que, em contrário, mantinham a classe médica em estado de dispersão, característico da relação entre os médicos no Brasil – salvo os fluminenses que viviam um momento de efervescência na década de 1890 – transformavam em heróis de vanguarda aqueles que se inseriam como próceres da construção de uma comunidade científica coerente, capaz de fazer os seus membros transitarem entre ideias, oporem resultados, testarem hipóteses, refutarem conclusões, enfim, transformar suas pesquisas em partes de uma experiência do conhecimento garantida pela comunicação entre profissionais situados em diferentes espaços. Não precisamos ir fundo nos jornais e livros escritos por médicos brasileiros para concluir que tal ideia não passava de uma aspiração e podia assumir um tom puramente retórico, servindo a associação entre seu defensor e os ares da civilização. Isto é, destacava-o da massa dispersa, de modo a inseri-lo em algum projeto de modernidade. Isso posto, podemos entender o prestígio que representava para uma publicação especializada a realização de traduções das comunicações e artigos realizados por estudiosos europeus como Robert Koch, Joseph Lister e Bouchard. Para os limites do ensaio que ora vos apresento, realizo uma análise sobre a recepção das teorias desses três estudiosos, a partir das comunicações que apresentaram ao Congresso Médico Internacional, ocorrido em Berlim no ano de 1890.

De forma esquemática, procurarei apresentar o lugar dos textos e dos comentários realizados por e sobre as teorias bacteriológicas que ocuparam um espaço significativo nas

discussões apresentadas no congresso internacional. Em seguida analisarei a recepção institucional das teorias bacteriológicas na Bahia, que teria produzido um mal-estar entre os facultativos da Faculdade de Medicina do Estado e a administração da Santa Casa de Misericórdia.

Antes de irmos ao evento que ocorreu na capital alemã e às páginas da *GMB*, gostaria de fazer uma advertência ao leitor. Não partimos da premissa de que as viagens realizadas pelas ideias possuam um vetor único, caracterizado pela absoluta necessidade de cópia e reverência do conhecimento produzido no velho mundo. Ainda que tal assertiva não possa ser desacreditada, ela não é suficiente para dar conta da dinâmica que envolve as múltiplas conexões da prática científica. De forma concreta pode-se afirmar que a *GMB* não apenas traduzia textos estrangeiros, como também criava estratégias para distribuir fora do país seus números. Na França, a distribuição de exemplares da revista ficava a cargo de H. Mahler, agente de vendas instalado em Paris, na Rua Richer, n. 23 (*GMB. Expediente*. Jul. 1892)². A distribuição dos números de periódicos em Paris, talvez não garantisse sua leitura para um público estrangeiro, mas colocava na geografia do conhecimento aquela Gazeta que funcionava na Bahia desde a segunda metade da década de 1860.

Circulação dos textos: dos anais do 10º Congresso Internacional à Gazeta Médica da Bahia

A imprensa do mundo inteiro dava espaço para o maior evento mundial na área da medicina: o 10º Congresso Internacional das Ciências Médicas, ocorrido em 1890 na cidade de Berlim. Embora o número de participantes que tomaram parte do evento suscite controvérsias, aquele foi o maior encontro realizado até então. Sendo assim, a quantidade de congressistas foi contabilizada aos milhares: enquanto a *GMB* divulgou que teriam tomado parte do evento, aproximadamente, 5.000 pessoas, corroborando informações publicadas em *La Semaine Medicaile*, a *Deutsche Medizinische Wochenschrift* estimava o montante de congressistas em 6.000 e o *Le Figaro* de Paris afirmava que o evento teria recebido um número de participantes superior a 7.000 pessoas (*GMB*, agosto de 1890, p.95; LEDERMANN, 2005, p.211). A quantidade expressiva de congressistas inscritos nesses eventos gerava questionamentos na imprensa acerca de sua utilidade. No caso em apreço, os jornais europeus, especialmente o *Le Figaro* de Paris, asseveravam que a estrondosa presença de congressistas em Berlim não resultava de um genuíno interesse pela ciência, mas do gosto juvenil pelas viagens e diversões. As repercussões desse evento, para o qual a faculdade de

medicina fora convidada³, aparecem claramente na oposição de Silva Lima às críticas que ameaçavam esvaziar as “assembleias dos homens de ciência”:

Não me colloco ao lado d'estes pessimistas, e penso que os congressos bem organizados, com limitado numero de representantes ou delegados de Associações, de Academias, de Institutos sanitarios, dos corpos de saude de mar e terra, e mesmo de grupos de facultativos expressamente agremiados, e com tempo sufficiente para conferencias e discussões, seriam muito mais proveitosos do que os constituídos em condições oppostas; e não seriam acoimados de para pouco mais prestarem do que proporcionar diversões agradáveis, e distracções de sueto aos congressistas (SILVA LIMA, outubro de 1890, p.149).

Se para aqueles que Silva Lima definia enquanto “detratores” de uma prática que estava por se instituir no meio científico, o congresso teria sido esvaziado de sentido pela presença de milhares de pessoas que não traziam consigo o desejo de promover a ciência, nas páginas da *GMB* os saldos do evento foram apresentados de forma positiva. Nesse caso, o sucesso do encontro não foi mensurado pela quantidade de pessoas que dele tomaram partido, mas pelo furor causado pelas suas comunicações na área médica. Na ocasião, foram apresentados trabalhos que divulgavam as conclusões parciais alcançados por novos experimentos, especialmente na área da bacteriologia. Sem dúvida, a possível descoberta de um tratamento eficaz no combate à tuberculose, proposto com algumas reservas por Koch, teve uma visibilidade acentuada e, depois de encerrado o evento continuou aparecer em comunicações de Koch em Sociedades Médicas e na publicação de artigos em periódicos especializados. Sobre as comunicações do Congresso, a *GMB* teve acesso aos textos através do *Le Bulletin Medical* e, na edição de agosto, começou a veicular os trabalhos considerados mais relevantes pelos editores do periódico baiano. Sobre a pertinência da divulgação dos estudos apresentados em congressos científicos, o jornal anunciava ao leitor que:

A importância dos trabalhos apresentados esteve na altura da reputação dos sábios que tomaram parte no Congresso. Daremos com o possível desenvolvimento os trabalhos de mais importância e actualidade, a começar com este número pela conferencia do prof. Lister sobre o estado actual do curativo de feridas (*GMB*, agosto de 1890, p.95).

O trabalho do estudioso inglês Joseph Lister sobre o tratamento antisséptico das feridas em procedimentos cirúrgicos foi publicado na seção *Revista de Imprensa Médica* e precedeu a divulgação de outras três conferências: a apresentação de Adolphe Block, intitulada *Patologia das afecções cardíacas de crescimento e de surmenage*; o estudo do professor Bouchard, cuja tradução foi assinada por Nina Rodrigues sob o título de *Ensaio de*

uma teoria da infecção, e a inquietante comunicação apresentada por Robert Koch acerca da descoberta da cura da tuberculose.

A excitação causada pelo anúncio do novo tratamento proposto pelo médico alemão e os seus desdobramentos estamparam várias páginas da *GMB*. Em Berlim, essa comunicação foi publicada na edição especial do *Deutsche Medizinische Wochenschrift* e na França foi reeditada pelo *Le Bulletin Medical*. O periódico baiano publicou o texto em novembro daquele mesmo ano na sessão de *Patologia Geral*. Tal como ocorrera com a versão do trabalho apresentado pelo professor Buchard, a tradução desse texto fora creditada à Nina Rodrigues.

Deste modo, ao leitor da *GMB* não foi necessário converter-se em membro participante do congresso de Berlim para conhecer os resultados de algumas de suas comunicações. Deve-se ressaltar, ainda, que os assinantes e consumidores de números avulsos dessa gazeta não estavam circunscritos à capital do Estado. O periódico circulava por outras localidades no país e fora dele. Esse movimento zigzagueante de difusão das ciências médicas integrava a *GMB* aos circuitos da produção científica. Certamente, a escolha das traduções a serem feitas e dos textos que deveriam vir à lume no jornal participavam desse jogo indeterminado e cambiante. Na *GMB*, os estudos traduzidos e publicados passavam pelo crivo da *SMB* e, sobretudo, dos profissionais que editavam o periódico, dirigido por Pacífico Pereira. Essas seleções pontuavam o tipo de discussão que se pretendia promover e davam publicidade à determinadas áreas de estudo.

Na redação da *GMB* as notícias sobre a descoberta que deixou em polvorosa a área médica no mundo inteiro foram veiculadas acompanhadas por sentimentos que variavam entre a apreensão e a curiosidade:

Está causando a mais viva preocupação o tratamento curativo da tuberculose anunciada ao mundo pelo eminente bacteriologista alemão Koch no Congresso de Berlim ultimamente realizado. Até os últimos jornais científicos, ignorava-se ainda em que consistia realmente o tratamento. Guardava-se a maior reserva sobre o assumpto, a ponto dos próprios assistentes de Koch não conhecerem a natureza íntima de suas experiências (*GMB*, outubro de 1890, p.191).

O alvoroço causado pela conferência de Koch na imprensa parecia incomodá-lo, uma vez que suas conclusões parciais e consistiam em reações oriundas de testes realizados em animais. Segundo o médico alemão, os resultados divulgados no evento eram provisórios e foram obtidos em experimentos articulados através de “um processo capaz de fazer os animaes de laboratório refractarios à inoculação da tuberculose e suspender mesmo a

evolução da moléstia nos animaes tornados previamente tuberculosos” (KOCH, novembro de 1890, p. 226). Poucos meses depois do Congresso Internacional, o médico divulgou, na Alemanha, as experiências que procedeu com sua equipe em humanos. Nessa ocasião, Koch fala sobre o uso pouco cauteloso de suas experiências pela imprensa e afirma que:

Contava em terminar minhas experiências, fazer investigações mais completas do meu tratamento na prática e obter estatísticas mais consideráveis antes de publicar antes de publicar alguma cousa.

Máo grado, porém, todas as minhas precauções, os meus processos tiveram publicidade exagerada Julgo-me por isso obrigado a indicar a direcção que tomaram as minhas investigações, declarar o estado actual d’ellas. Entretanto, apenas ministrarei ligeiros exclarecimentos, pois ainda devo conservar secretos muitos pontos importantes (*Idem*, p.226-7).

Koch assumia a direção das investigações que contava com a participação dos médicos Libbertz e Pful. Se os meios de comunicação corriam em polvorosa para apresentar as possibilidades futuras oferecidas pelas pesquisas desses médicos no tratamento de uma doença incurável, o seu condutor precisava assumir um tom cauteloso, na medida em que os testes estavam em processo de realização e os resultados apresentavam-se provisórios. Isso posto, pode-se supor que as precauções que Koch diz adotar diante da divulgação exacerbada dos seus resultados corresponde a ideia de que o conhecimento exposto em congressos e em revistas especializados é sempre provisório, podendo prestar-se a exposição de trabalhos concluídos ou, nessa situação, a apresentação de estudos em fase de preparação. Neste último caso a comunicação ou o artigo acaba por descrever o estado no qual determinada pesquisa se encontra até o momento de sua enunciação. Dessa forma, a visibilidade que assumia o trabalho encabeçado por Koch poderia ser perigosa para aqueles que dela tomavam parte na medida em que a grande expectativa gerada por uma pesquisa em andamento poderia frustrar a futura realização da promessa de cura para a tuberculose. O conhecimento posto nas revistas especializadas e nas comunicações não são verdades acomodadas e aceitas universalmente por uma comunidade científica, não podem tornar-se matéria dos manuais de medicina até que suas variáveis sejam testadas sucessivamente. Isto é, ainda não conformaram a ilusão de que o erro foi eliminado. Para essa questão torna-se bastante conveniente a distinção estabelecida por Fleck entre a ciência inscrita nos periódicos e aquela encerrada nos manuais:

Se quisermos unir a ciência dos periódicos numa totalidade homogênea, teríamos que admitir alguns obstáculos: os respectivos pontos de vista e métodos de trabalho têm um caráter tão pessoal que não consegue formar uma totalidade orgânica a partir dos fragmentos contraditórios e incongruentes. (...) A ciência dos periódicos, portanto, carrega as marcas do provisório e pessoal. A primeira dessas características sempre se mostra no fato de se ressaltar que, apesar das limitações nítidas dos problemas tratados, a aspiração de estar em conexão com a problemática da



respectiva área. Qualquer trabalho em periódicos contém, ou na conclusão, tal conexão com as ciências dos manuais como prova de que aspira à entrada no manual e que considera a posição atual como provisória. Esse caráter provisório pode ser sentido a partir das indicações sobre planos e esperanças e a partir da polêmica. Faz parte disso a cautela específica dos trabalhos em periódicos que podem ser reconhecidas em expressões características como: “*tentei provar que...*”, “*parece ser possível que...*” ou, ainda, de forma negativa: “*não se pôde comprovar que...*”, que desloca o mais sagrado das ciências, a saber, o julgamento sobre a existência ou não existência de um fenômeno, do pesquisador individual para o coletivo exclusivamente legitimado. Somente a ciência impessoal dos manuais traz expressões como: “*não existe isso ou aqui*”, ou “*há algo como*”, “*na há dúvida de que...*” (...) (FLECK, 2000, p.171-2).

A compreensão de Fleck sobre o caráter provisório da ciência dos periódicos pode ser estendida às comunicações realizadas em reuniões de associações médicas e em congressos científico. Entretanto, nesse caso a fluidez dos resultados apresentados é exacerbada. No caso do estudo dirigido por Koch, o pesquisador e sua equipe guardam um trunfo em suas mangas: o segredo. Nem tudo deve ser revelado precipitadamente. Uma parte de sombras colocada por sobre a investigação possui uma dupla dimensão: ao mesmo tempo em que os pesquisadores afirmam seu lugar de autoridade sobre a matéria, de modo a evitar refutações prévias, afinal, sempre há algo que o crítico desconhece, os estudiosos estão sujeitos aos efeitos desastrosos de uma expectativa sobre o que pode comportar o dado decisivo não revelado. Em suma, o não revelado inunda as páginas dos jornais, tornando-se a promessa de uma grande notícia que poderia anunciar “Koch descobre a cura para tuberculose”. A partir da comunicação de Koch alguns médicos se aventuraram e realizaram testes em seus serviços clínicos com a terapêutica proposta pelo alemão. Os resultados dos ensaios foram objetos de comunicações por parte dos doutores Oskar Fraetzel e Runkiwitz, cujas conclusões endossavam as deduções apresentadas por Koch, inclusive em relação às insucessos apresentados pela substância utilizada como possível medicamento: “Somente parece que cada vez se torna mais sensível a dificuldade da eliminação dos tecidos tuberculosos mesmo nos casos de tuberculose pulmonar pouco adiantada, o que deve fazer receiar uma facilidade maior das reinfecções. (GMB, novembro de 1890, p.238).

Além desses trabalhos, foram realizados testes mais conclusivos sobre tuberculose externa pelo Dr. Begmann, enquanto Levy atuou ativamente para convencer o próprio Koch de que as injeções do remédio serviam ao procedimento do diagnóstico da doença. Portanto, as pesquisas sobre a cura da tuberculose estavam envolvidos em um coletivo, entre receios e jogos de convencimento.

Sendo assim, os testes realizados por diversos médicos, as dúvidas, os erros, as reafirmações dedutivas constituíam elementos que se associavam aos mistérios presentes no

processo de construção de um fato científico que, mal grado seu desenlace, não cessou de alimentar, por alguns anos, vários números de jornais especializados e diários no mundo todo. Maximizava-se, assim, o potencial de difusão das atividades integrantes dos protocolos científicos, como os experimentos, os congressos, o exercício da clínica médica e as reuniões entre sociedades de ofício, fazendo circular ideias e legitimando autores que se convertiam em referências para o desenvolvimento de estudos na área da medicina. Silva Lima explicava da seguinte forma a pertinência da publicação de um comentário formulado por Lister ao tratamento de Koch e as controvérsias causadas por seu “remédio secreto” que, em dezembro de 1890, permanecia envolvido por mistérios:

Data-se de hontem, pode-se dizer, o tratamento curativo intentado pelo professor Koch para a tuberculose, a medicação a qual por brevidade pode ser chamada de *kochiatria*; não foi ainda revelada a natureza do medicamento, e já se tem escripto sobre o assunto com o que encher dezenas de volumes, taes são a importância do descobrimento, a soffregdão dos médicos em os conhecerem, e a ansiedade dos enfermos em gozarem das suas prometidas e anunciadas vantagens [...] Lister foi a Berlim, e na intimidade de dous espíritos superiores que se comprehendem, ouviu e viu o que Koch lhe poude dizer e mostrar, por si e pelos seus auxiliares acerca do seu novo e pasmoso invento. [...] Trasladando para nossas paginas a preleção do benemérito professor [Lister], julgamos prestar serviço aos nossos leitores, a quem não sejam porventura accessíveis os órgãos da imprensa médica inglesa que a publicaram em dezembro último (SILVA LIMA, 1891, p. 306-7).

Além do objetivo de tornar acessíveis aos seus leitores o mundo da ciência médica assaltado, vez em quando, por “pasmosos inventos”, a *GMB* não deveria deixar de evidenciar o quanto seus idealizadores estavam atentos às práticas modernas que envolviam a produção do conhecimento. Essa posição seria mantida mesmo quando a exposição de certa modernidade significasse a crítica severa à estrutura das instituições científicas no Brasil e à prática profissional de seus pares, acusados quase sempre de repetidores acríticos dos estudos europeus. Ora, mostrar-se moderno significava, sobretudo, dizer-se inovador, questionar os próprios postulados, duvidar das repetições e dos resultados divulgados no meio científico para propor algo que acredita ser inteiramente novo. Nisto concordamos com Bruno Latour, quando afirma que o pensamento moderno forjou para si a ideia de que a epistemologia passa em rupturas, em sobressaltos evolutivos que seguem, inexoravelmente, rumo à novidade e ao progresso (LATOUR, 1994). Nesse sentido, não parece estranho que Nina Rodrigues, para se afirmar enquanto moderno, se confrontasse com a produção intelectual brasileira de modo circunspecto e ácido. Mas, deixemos questão em suspenso, pois a ela retornaremos em outros trabalhos. Por ora, é importante ressaltar a validade dos protocolos de cientificidade no ambiente intelectual, cujo exercício forjava e legitimava a fama dos “homens de ciência”,

atribuindo-lhes um lugar nos anais da modernidade. Decerto, os caminhos que conduziam à vanguarda e ao mundo civilizado passavam necessariamente pela prova inequívoca do saber e da competência, expostas na participação de intelectuais em sociedades profissionais e científicas, nos congressos e nos periódicos especializados.

O Dr. Gustavo dos Santos e o problema do ensaio das experiências de Koch na Bahia

A ampla difusão de ideias conformava efeitos variados. Entre eles, serviu de mote ao deslocamento de médicos em comissão científica, com destino ao Velho Mundo para observar novas terapêuticas que seriam experimentadas no Brasil. No noticiário de agosto de 1890, a *GMB* informava – abaixo da nota sobre a realização do Congresso de Berlim – a viagem para a Europa do Dr. Manoel José d’ Araujo, médico e professor de Fisiologia Teórica e Experimental na Faculdade de Medicina da Bahia, em comissão científica designada pelo governo brasileiro. Segundo os editores do jornal o deslocamento foi realizado com o fim desse profissional “estudar os progressos da sciencia que leciona. Entretanto, nem sempre tais viagens contavam com auxílio financeiro do Estado.

No caso da intensa divulgação dos resultados da pesquisa empreendida por Koch, no Brasil foi designada uma comissão oficial para acompanhar em Berlim o andamento das pesquisas, presidida pelo Dr. Domingos José Freire e formada pelos Drs. Chapot Prevost e Virgílio Otoni. O grupo contava ainda com o auxílio dos estudantes Arthur Vieira de Mendonça e José Gonçalves Roxo (*GMB*, novembro de 1890, p.239). Na Bahia, o empreendimento assumir característica individual na medida em que o Dr. Gustavo dos Santos decidiu partir para a Alemanha, onde pretendia observar o novo tratamento contra a tuberculose e ensaiá-lo nos hospitais do Estado. Médico assistente de Clínica Oftalmológica, o Dr. Gustavo recebeu da Faculdade de Medicina a liberação temporária de suas atividades, mas se deslocou para a Europa às próprias custas, sem apoio oficial. Quando retornou ao Brasil, foi recebido pelos facultativos ligados à *SMB*, onde comunicou as informações colhidas pela observação da terapêutica proposta por Koch:

Trouxe o distincto médico uma certa porção da lynpha de Koch e brevemente começará a ensaiar o tratamento. Sabemos que elle tem procurado o auxíllio de diversos clínicos e professores entre os quais o diretor da *Gazeta Médica*; e que estan todos promptos a coadjuval-o.

A extraordinária descoberta do sábio allemão é de tal importância que se tornam para toda a classe medica do maior interesses (sic) as experiências que se vão fazer pela primeira vez na Bahia, a segunda cidade da Republica em que o methodo de Koch vai ser ensaiado (*GMB*, fevereiro de 1891, p.381).

Após a comunicação do Dr. Gustavo dos Santos à SMB, projetou-se que as experiências com a linfa seriam, provavelmente, realizadas uma das salas do hospital que estava sendo montado em Nazareth. Para esse fim, propôs-se que fosse montado um serviço clínico de caráter provisório, cuja direção seria responsabilidade do Dr. Gustavo dos Santos. Entretanto, tal planejamento não se cumpriria, uma vez que a Santa Casa de Misericórdia se recusou em ceder o espaço hospitalar pretendido (*GMB*, março de 1891, p.431). Os embates entre a SMB e a direção da Santa Casa foram travados por meio dos jornais e de ofícios. Responsável pela solicitação do espaço, a SMB enviou em 11 de Abril de 1891 um ofício endereçado ao provedor interino João Bernardino Franco, solicitando que a meda diretora daquela instituição hospitalar alocasse, em uma enfermaria nas novas instalações do hospital de Nazareth, os estudos do Dr. Gustavo. No documento, justificava-se a importância do ato apelando para oportunidade que teria aquela “humanitária instituição” em “prestar um serviço valioso à ciência e à humanidade”⁴.

Mesmo diante de tal apelo a resposta do provedor não foi a esperada. Em 15 de maio do mesmo ano a provedoria da Santa Casa enviou um ofício à SMB na qual indeferia o pedido nos seguintes termos:

Ilmo Sr. – Comunico à v.s., (...) que a mesa d’esta irmandade, em sessão do 10 corrente, não annuiu a solicitação feita no sentido de instalar-se uma enfermaria no hospital de Nazareth para o ensaio do tratamento da tuberculose pelo método de Koch, por esta estar em obras ainda aquelle estabelecimento (*GMB*, junho de 1891, p.531).

Para a Sociedade Médica a resposta oferecida pelo provedor não era razoável, apresentava-se de forma lacônica e expressava as limitações de gerenciamento da instituição que segundo, tais médicos, deixavam em plano secundário os interesses das ciências médicas e dos doentes que seriam beneficiados caso o experimento resultasse em efeitos positivos. O embate ganhava proporções institucionais que opunha médicos, ligados a uma coletividade profissional, materializado pela SMB, e os administradores das instituições de assistência hospitalar. Curioso é observar que esses médicos tinham força política, faziam parte de uma elite que gozava de status e poder. Mas, precisava negociar com outros setores, também de elite, detentor de poder político, mas que, não fazia parte diretamente do mundo da ciência médica.

De forma quase inconclusiva pode-se sugerir que a recepção dos experimentos bacteriológicos na Bahia nos anos de 1890 – especialmente das pesquisas sobre a cura da tuberculose encabeçadas pelo médico alemão Robert Koch – apresentou algumas

características particulares: em primeiro lugar, a SMB, responsável pela edição da *Gazeta Médica da Bahia* deu ampla publicidade às comunicações e artigos através de traduções, não deixando de apresentar os resultados provisórios obtidos não somente pela equipe de Koch, mas também, por outros médicos. Havia, assim, pelo menos em termos abstratos uma intenção, talvez pedagógica, em disseminar entre estudantes, professores e clínicos as novas descobertas bacteriológicas, ao mesmo tempo em que aproximava os médicos vinculados à SMB do mundo civilizado, povoado pelo progresso que experimentava as ciências devotadas ao estudo dos organismos microscópicos. Por outro lado, a atividade prática de pesquisa na Bahia representou, inicialmente, um projeto particular, posto em prática pelo Dr. Gustavo dos Santos. Por fim, quando a SMB entra com o apoio para a realização dos testes no Estado, os embates entre instituições são expostos.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

FLECK, Ludwik, **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum Ed. 2010.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. Ano XXI-XXII (1890-1891).

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos - Ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

VIANNA, Francisco Vicente, FERREIRA, José Carlos. **Memória sobre o Estado da Bahia**, 1903.

Notas

¹ Trabalho apresentado no simpósio temático “**Concepções, Imagens e Representações: Entre a Saúde e a Doença**”, durante o **III Seminário Internacional História e Historiografia e X Seminário de Pesquisa do Departamento de História**, realizado na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza-CE, de 01 a 03 de Outubro de 2012. O presente estudo possui financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² O envio de exemplares desse e de outros jornais para o além-mar e o recebimento de publicações internacionais eram responsabilidades do escaler da guardamoria da alfândega que, não raro, atrasava a distribuição das correspondências.

³ O convite e os estatutos do 10º Congresso Internacional das Ciências Médicas foi divulgado na edição fevereiro de 1890 na *Gazeta Médica da Bahia*.

⁴ Assinaram o ofício oriundo da Sociedade Médica da Bahia os médicos José Francisco da Silva Lima (presidente), Manoel Vitorino Pereira (primeiro secretário) e Brás do Amaral (segundo secretário).